

A ASSEMBLEIA DE TELÊMACO COMO ESPAÇO DE EXPERIÊNCIAS

*Alexandre Santos de Moraes**

Resumo:

Este artigo tem por objetivo analisar a assembleia convocada por Telêmaco, descrita no Canto II da Odisseia, como um espaço social. A partir do conceito de lugar antropológico, de Marc Augé, indicaremos de que modo a atividade que se desenvolve no local homônimo é construída para assegurar a experiência de presidir uma atividade política e, a partir disso, direcionar a transição da juventude para a idade adulta do filho de Odisseu.

Palavras-chave: *espaço social; experiência de vida; poesia homérica.*

Uma das passagens mais singulares dos épicos homéricos é a assembleia convocada por Telêmaco. O evento, descrito no Canto II da *Odisseia*, é único: trata-se da melhor representação de um encontro que, com fins deliberativos, agrega a coletividade, tendo em vista debater um assunto comum a todos. Contudo, a assembleia em Homero não é apenas um acontecimento político. O evento, que se desenvolve em um espaço homônimo, é descrito como um momento de experimentação consubstancial para a definição de graus etários¹. A proposta deste artigo é analisar de que modo a assembleia é um dos recursos utilizados por Homero para dar visibilidade ao filho de Odisseu, informando ao grupo o movimento de transição etária da juventude (νεότης) para a convencionalmente denominada “idade adulta”².

Os helenistas frequentemente utilizam a assembleia de Telêmaco como argumento na tentativa de definir o período da composição dos épicos. Os partidários da tese que os situa no Período Arcaico (séc. VIII ou VII a.C.), utilizam-na como uma referência do surgimento da *pólis*, como

* Doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH/UFF). Professor substituto do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq/Capes-UAB. E-mail: asmoraes@gmail.com.

Jean-Nicolas Corvisier, que destaca a inexistência de indícios do surgimento da cidade e de um corpo cívico na *Iliada*, mas que aponta, na *Odisseia*, a presença de um embrião desta nova estrutura política (CORVISIER, 1996, p.17). Moses I. Finley, ao contrário, é categórico ao afirmar que “em nenhum dos poemas se encontra menção alguma a uma *pólis* em seu sentido político clássico” (FINLEY, 1977, p.37), o que, junto a outros argumentos negativos, faz o autor situar os épicos no chamado “Período Obscuro”, entre os séculos X e IX a.C. (FINLEY, 1977, p.56).

De fato, no texto homérico, o vocábulo utilizado para nomear a assembleia (**ἄγορά, -άς**) é duplo: o nome do evento confunde-se com o espaço em que transcorre³. Se um evento acontece em um local que o nomeia, é porque o espaço não é apenas um suporte orgânico, uma fatalidade natural necessária à vida, a base sólida para uma sociedade que existe à revelia de toda e qualquer materialidade.

A premissa de que os espaços são produtos sociais parece ser um dado inicial a qualquer análise acerca do próprio espaço. Henri Lefebvre, por exemplo, em um estudo a respeito do espaço urbano nas sociedades industriais, indica que “a natureza, um mito potente, transforma-se em ficção, em uma utopia negativa: ela não é mais que a matéria-prima sobre a qual são operadas as forças produtivas de sociedades diversas que produzem o espaço” (LEFEBVRE, 2000, p.40). Roberto DaMatta, por sua vez, ao analisar a díade “casa” *versus* “rua” na sociedade brasileira, constatou que “estas duas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas mensuráveis, mas, acima de tudo, entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados” (DAMATTA, 1997, p.15). Ernst Cassirer, de modo semelhante, defendeu que a descrição e análise do espaço e do tempo é uma das tarefas mais atraentes e importantes de uma filosofia antropológica (CASSIRER, 1997, p. 73) e, para fins de análise, fez uma longa categorologia da espacialidade, sugerindo a existência de *espaços orgânicos*, *espaços perceptuais*, *espaços abstratos*, *espaços simbólicos* e *espaços de ação* (CASSIRER, 1997, p.74-6).

Dentre uma grande variedade de perspectivas teóricas acerca da questão do espaço e da espacialidade, o conceito que nos parece mais adequado para pensar a assembleia de Telêmaco é o de *lugar antropológico*, sugerido pelo africanista Marc Augé, assim definido: “construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes

e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar” (AUGÉ, 2008, p.51). O autor prossegue, indicando que há três características comuns aos lugares antropológicos: eles se pretendem identitários, relacionais e históricos (AUGÉ, 2008, p.52-3). Vejamos dessa forma a constituição da assembleia.

Odisseu estava afastado de Ítaca há vinte anos. Combateu durante dez anos os troianos junto ao exército argivo e, por mais dez anos, tentava regressar, resistindo estoicamente à fúria de Posêidon e às desmedidas de seus sócios de viagem. Antes de deixar Penélope e o recém-nascido Telêmaco, fez a seguinte advertência à esposa: “Toma, aqui dentro, incessante cuidado de meus pais idosos, como até agora, ou melhor, pois me vou para longe da pátria. Mas quando o filho, que temos, à idade viril for chegado, casa com quem desejares e deixa de vez o palácio” (HOMERO. **Odisseia** XVIII, 267-270).

O momento previsto chegara. Ítaca se encontrava assediada pelos pretendentes – jovens aristocratas que pretendiam se casar com Penélope. Esta, virtuosa, declinava às tentativas e protelava, ao máximo, o dia da inevitável escolha, confiante na sobrevivência de Odisseu, apesar de todos os indícios que sugeriam sua morte. A situação de Ítaca era completamente instável: os postulantes às núpcias com a filha de Icário, após ocuparem o palácio, passaram a assediar as servas, beber vinho em demasia e, promovendo inúmeros banquetes ao som da cítara do *aedo* Fêmios, consumiam as riquezas acumuladas pelo rei ausente.

Nesse cenário, diante da ausência de Odisseu, Telêmaco seria o indivíduo imediatamente responsável por reverter essa situação. Estaria com pelo menos vinte anos de idade, fase em que a barba tende a começar a crescer e a denunciar, aos olhos dos gregos antigos, a chegada da idade adulta. Contudo, Homero estava consciente de que, como apontam sociólogos e antropólogos modernos, as idades da vida são eventos biológicos socialmente refletidos (BOURDIEU, 1983, p. 113; DEBERT, 2007, p.51; EISENSTADT, 1976, p.1; GROppo, 2000, p.8). Enquanto o corpo de um homem adulto é resultado da ação inevitável do tempo, a assunção dos comportamentos exigidos a um homem neste grau etário implica adaptação, ensinamentos e experiências para que se efetive, no plano social, a transição imposta pela natureza. Os eventos associados a Telêmaco indicam as conquistas necessárias para que o jovem possa ser investido do estatuto de homem adulto.

O ingresso de Telêmaco na idade adulta é antecipado nos cantos iniciais da *Odisseia*⁴. Seu estatuto etário, durante a *Telegaquia*, é amplamente refletido. Penélope, por exemplo, fazendo menção à viagem empreendida pelo filho para localizar o paradeiro de Odisseu, comenta: “E agora embarcou meu filho numa nau bojuda, uma criança. De conchavos, de política ele não sabe nada” (HOMERO. **Odisseia** IV, 816-819). Antíloco, um dos pretendentes mais destacados, desejoso de que Telêmaco não retornasse de sua viagem, sentencia: “Quem me dera que Zeus, antes de a idade viril alcançar, o privasse da força!” (HOMERO. **Odisseia** IV, 668-669). Atená, sob o aspecto de Mentor, também transfere os grandes feitos de Telêmaco para os tempos vindouros: “Para o futuro nem fraco nem fútil serás, ó Telêmaco, se de teu pai, em verdade, possuíres o ardor invencível” (HOMERO. **Odisseia** II, 270-271). O próprio Telêmaco faz menção à sua condição quando, orientado por Atená a dialogar com Néstor, vacila em relação aos procedimentos que deveria adotar para estabelecer o diálogo: “Mentor, não sei como falar-lhe. Faltam-me palavras. Sou tímido, jovem. Isso me embarça. Como abordar um senhor idoso?” (HOMERO. **Odisseia** III, 21-24). Ao final do poema, a mudança é notória: o jovem frágil e indeciso cede lugar a um indivíduo resolutivo e consciente de suas atribuições sociais⁵.

A experimentação e aprendizagem de três práticas sociais foi decisiva para que, com o auxílio de Atená, Telêmaco consumasse a mudança de grau etário: 1) a habilidade oratória; 2) a participação nos ritos de comensalidade junto a outros *basileis* na condição de *isois*; 3) a atividade guerreira. Essas três práticas são elementos distintivos das classes aristocráticas homéricas e, associadas aos agentes em idade adulta, servem de medida para avaliar os valores individuais dos heróis. Atená sugere que Telêmaco convoque a assembleia para fazê-lo experimentar, especificamente, a prática oratória tradicionalmente cultivada pelos nobres.

Na manhã em que seria convocada a assembleia, Telêmaco despertou e, após vestir-se e firmar a espada afiada, ordenou que os arautos convocassem os aqueus para o evento. Chegou, acompanhado de dois cães, ao espaço determinado. Nesse momento, há a primeira menção à assembleia como um lugar antropológico, definidor de identidades etárias. Desde a *Iliada*, a atividade política é um dos privilégios associados aos idosos, visto que a sociedade homérica tem um particular apreço pelos conhecimentos acumulados através da longevidade. Por esse motivo, para que Telêmaco ocupasse o assento antes ocupado por seu pai, “os anciãos cederam-lhe o

lugar” (HOMERO. **Odisseia** II, 13-14). Além disso, quem abre a sessão da assembleia é Egípcio, “herói já curvado pelos anos” (HOMERO. **Odisseia** II, 14). A excepcionalidade do evento justificava a iniciativa do ancião: a última convocatória para a assembleia acontecera há mais de vinte anos, antes da partida de Odisseu para as planícies de Troia. Com lágrimas nos olhos, Egípcio questiona acerca da chamada e, ansioso para saber os motivos, faz a primeira menção à questão dos graus etários: “Gostaríamos de saber quem nos convocou, motivo. Foi um jovem ou um cidadão avançado em anos?” (HOMERO. **Odisseia** II, 28-29).

Telêmaco, após o prelúdio do ancião, “levantou-se e pediu a palavra, de pé, no centro da assembleia. O arauto Pisenor, versado em sábios conselhos, passou-lhe o cetro” (HOMERO. **Odisseia** II, 36-38). De fato, se a assembleia é um espaço de visibilidade, definidor de experiências e criador de identidades, o centro é o local privilegiado para onde convergem todos os olhares e que expõe, com mais ênfase, os eventuais interlocutores⁶. A centralidade do espaço evoca uma distinção social inevitavelmente construída a partir do uso do próprio espaço: o indivíduo que se apropria do centro acaba por transformar todos aqueles que o circundam em iguais, pois estão relativamente equidistantes a ele. O orador, ao contrário, distingue-se dos demais por ocupar um local diferenciado. Além disso, a audiência, ao dirigir os olhares, submete o enunciador a uma situação limite: instaura-se um risco que precisa ser enfrentado, pois suas palavras poderão gerar louvor ou censura.

Nesse sentido, tudo indica que Telêmaco estava diante de uma prova iniciática. Falar em público, para a comunidade, era algo jamais experimentado. Com a assistência de Athená, que lhe revestiu de uma graça auspiciosa, o filho de Odisseu inicia seu discurso. Após algumas palavras, aponta objetivamente a razão pela qual convocou os itacenses:

*Nenhum assunto público levou-me a convocar-vos.
Agi movido por interesses privados, dificuldades que
molestam duplamente minha casa. Meu nobre pai, o
antigo rei desta terra, que vos governou com afeto
paternal, está perdido. Cai sobre mim mal ainda maior
que arrasará em breve todos os meus bens, consumirá
todos os meus recursos. Pretendentes assediam minha*

*mãe. Não respeitam sua recusa. Filhos de cidadãos
destacados da nobreza local!*
(HOMERO. **Odisseia** II, 45-52)

Motivado pela situação caótica de seu palácio, Telêmaco assume a incapacidade de combater os pretendentes pelo seu fraco vigor físico (característico da juventude) e convoca os habitantes de Ítaca a buscar uma solução para reverter esse quadro. Tudo indica que o discurso foi eficaz. Concluindo a fala, atirou o cetro ao chão e prorrompeu em pranto. “Comoveu a assembleia. Todos se mantiveram em silêncio. Ninguém ousou contestar as graves palavras do filho de Odisseu” (HOMERO. **Odisseia** II, 81-84). Parece óbvio que o silêncio que acompanha o fim do discurso é resultado do poder de afetação provocado pelo orador. O mesmo ocorre, por exemplo, quando Odisseu encerra o relato de suas desventuras junto ao povo feace (HOMERO. **Odisseia** XIII, v. 1) ou quando Agamêmnon, na **Ilíada**, propõe aos aqueus o abandono da guerra (HOMERO. **Ilíada** IX, v. 29).

Antínoo, contudo, revidou. Informou a assembleia do célebre embuste de Penélope. Esta teria condicionado a escolha do futuro marido ao dia em que terminasse de tecer uma mortalha para Laertes. Para controlar o tempo, tecia durante o dia e desfazia seu trabalho à noite, protelando, assim, a data da escolha. Denunciada por uma serva, a artimanha deixou os pretendentes irritados, e Antínoo usou este fato como justificativa para a permanência da ocupação, coagindo Telêmaco a enviar a mãe de volta à casa de Icário para que os procedimentos habituais para as núpcias fossem estabelecidos. Telêmaco responde e, segundo Homero, “deu ao orador ajuizada resposta” (HOMERO. **Odisseia** II, 129-130). Colocou-se veementemente contra a proposta e evocou a justiça de Zeus para que seu palácio fosse vingado. Zeus, a divindade que preside as assembleias junto a Têmis, manifestou-se enviando duas águias. Estas pararam no centro da turbulenta assembleia – novamente, tornando-se visíveis a todos pela ocupação do centro – e começaram a girar e a agitar a plumagem. Digladiando-se, “assombraram os que as observavam atentos” (HOMERO. **Odisseia** II, 155-156).

Há, nesse momento, mais uma menção à participação de anciãos na assembleia. O velho Aliterse interpretou o presságio, pois “só ele, no conceito dos de sua idade, era entendido em aves, só ele saberia emitir juízo adequado” (HOMERO. **Odisseia** II, 158-160). De fato, é habitual que os idosos, nos poemas homéricos, estejam associados às práticas sacrificiais e

sejam exímios conhecedores dos vaticínios, dado que este conhecimento é resultado da acumulação de experiências. Informou aos pretendentes, ratificando o discurso de Telêmaco, sobre a necessidade de reverter a situação vigente, dado que Odisseu estava vivo e que voltaria para vingar os excessos. Nesse momento, instaura-se, com a recusa do jovem Eurímaco, um conflito entre diferentes graus etários. Com palavras ásperas, recusa os auspícios do ancião. Afirmando a morte de Odisseu, questiona: “Por que não esticaste a canela como ele? Morto, não anunciarias tanta asneira” (HOMERO. **Odisseia** II, v. 183-184).

Conforme assinala Alain Schnapp, “os *couroi* formam um grupo particular de homens cujas tarefas, tanto na paz como na guerra, são particularmente definidas: os *couroi* – entendidos como ‘os filhos dos aqueus’ – opõem-se aos *gerontes*, os Pais ou os Antigos, que compõem com eles o exército” (SCHNAPP, 1996, p.21). O conflito, além de estabelecer a separação entre as partes discordantes, também ratifica as diferenças. Nesse sentido, a assembleia, além de um espaço de definição de graus etários, converte-se em palco relacional onde são expostos conflitos geracionais, opondo jovens e velhos no âmbito do discurso e instituindo, através da imposição da palavra, relações de poder. O contraste produzido por Homero denuncia, de modo exemplar, os méritos da sabedoria na senectude: é evidente, e seus ouvintes sabiam disso por já conhecerem antecipadamente o final da epopeia, que a palavra do idoso era portadora da *aletheia* do discurso, reservando ao jovem uma das características atribuídas com mais ênfase a este grau etário: a *hybris*, o engano e, conseqüentemente, o desconhecimento das questões sagradas.

A despeito disso, é o próprio Eurímaco quem vai, pela primeira vez, destacar a eloquência de Telêmaco: “Não tememos ninguém. Nem Telêmaco, por eloquente que seja, nem a ti, velho, que queres ludibriar-nos com vaticínios” (HOMERO. **Odisseia** II, 200-202). Antínoo, posteriormente, também associa essa qualidade ao filho de Odisseu (HOMERO. **Odisseia** II, 302-303). O elogio também será feito por Néstor, já durante a viagem a Pilos, não sem motivo, o mais velho e mais experiente orador dos épicos homéricos (HOMERO. **Odisseia** II, 102-125). Portanto, a assembleia permitiu que esse predicativo fosse definitivamente introduzido nas representações de Telêmaco, indicando a aquisição de uma das características mais frequentemente associadas aos adultos nos poemas de Homero.

Após a fala de Eurímaco, Telêmaco opta por encerrar as discussões por ver seu projeto de afastar os pretendentes de sua casa, através do diálogo, fracassado. Sua última intervenção é, na verdade, um pedido: solicita que lhe seja emprestada uma nau para que possa viajar – seguindo fielmente os conceitos expostos por Athená – a Pilos e Esparta. Buscaria notícias do pai e, ao retornar, tomaria a decisão baseada na constatação de vida ou morte de Odisseu. E, após mais uma ríspida intervenção juvenil, “a assembleia se dissolveu. Por rumos diferentes, cada um procurou sua própria residência. Menos os pretendentes. Estes foram ao palácio” (HOMERO. *Odisseia* II, 257-260).

Considerações finais

A dissolução da assembleia confunde-se com a própria dissolução do espaço. Como sua existência está assegurada em função do uso e das tensões que se estruturam em torno dela, não resta dúvida de que se constitui um lugar antropológico. A participação de Athená corrobora essa afirmação. Homero nos deixa perceber que o objetivo primeiro da assembleia não era aquele que Telêmaco tinha em mente: a filha de Zeus conhecia, de antemão, a impossibilidade de dissuadir os pretendentes a abandonarem o palácio. Além disso, é evidente que Athená sabia que Odisseu estava vivo, até porque esteve ao seu lado na maioria dos momentos difíceis do périplo. Apesar disso, oculta o fato de Telêmaco. O mesmo acontece com a viagem. A deusa estava ciente de que Telêmaco não iria colher informações pertinentes a respeito de Odisseu em Esparta e Pilos. Os projetos sugeridos pela deusa, vistos objetivamente, seriam paradoxais e inexpressivos.

Entretanto, refletindo a partir da lógica das idades da vida, percebe-se a intenção que acompanhou todas as sugestões de Athená. Era necessário que Telêmaco abdicasse dos comportamentos típicos da juventude para que pudesse se vingar dos pretendentes, ao lado do pai, na célebre chacina que nos é apresentada ao final do épico. Por esse motivo, a assembleia é, além do acontecimento político tradicionalmente estudado, um espaço social: é através dela que o jovem filho de Odisseu consegue tornar visível e reconhecido, para todos os presentes, o movimento de assunção das práticas associadas aos adultos. Pierre Vidal-Naquet, a respeito dessas questões, assinalou: “Telêmaco não só afirma sua identidade de adulto, mas também refunda a cidade ao convocar pela primeira vez a assembleia e o conselho”

(VIDAL-NAQUET, 2006, p.74). Diferentemente do helenista, pensamos que a afirmação de sua identidade de adulto só se dá ao final do épico, quando participa das atividades guerreiras no combate aos pretendentes. Entretanto, é evidente que a função política que preside toda convocação da assembleia teve, através da manifestação de Telêmaco, um momento de afirmação de sua soberania sobre a coletividade. Pela primeira vez, desde a ausência de Odisseu, os itacenses estiveram diante de um líder legítimo, eloquente, capaz de se expressar e expor sua visão de mundo. A assembleia – espaço e acontecimento – é apresentada como um meio de produzir identidades e sensações de pertencimento, incluindo no comportamento de Telêmaco a habilidade oratória da qual os homens experientes são legítimos portadores.

TELEMACHUS' ASSEMBLY AS A SPACE OF EXPERIENCES

***Abstract:** This article intends to analyse the Telemachus' assembly, described in the second Song of Odyssey, as a social space. Using the concept of "anthropological place", of Marc Augé, we will show how this activity that develops in the homonym local, is constructed to assure the experience to represent a political activity and, hence, guide the transition of youth for the Odisseus' son's adulthood.*

***Keywords:** social space; life experience; homeric poetry.*

Documentação escrita

HOMERO. **Odisseia**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

_____. **Odisseia**. Trad. Donald Schuler. Porto Alegre, RS: LP&M, 2007.

_____. **L'Odyssee**. Trad. Victor Bérard. Paris: Les Belles Lettres, 2001.

_____. **Ilíada**. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Editora Mandarim, 2001.

_____. **L'Iliade**. Trad. Victor Bérard. Paris: Les Belles Lettres, 2001.

Dicionários

BAILLY, M. A. **Abrégé du Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Classiques Hachette, 1963.

CHANTRAINE, P. **Dictionnaire Étymologique de la Langue Grécque**. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1963.

ISIDRO PEREIRA, S. J. **Dicionário Grego-Português e Português-Grego**. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.

Referências bibliográficas

AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. *In: Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.112-21.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CORVISIER, J-N. **Les Grecs à L'époque archaïque (milieu du IXe siècle à 478 av. J.-C.)**. Paris: Ellipses, 1996.

DAMATTA, R. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBERT, A. G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. *In: Velhice ou terceira Idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p.49-68.

DOWNDEN, K. Fluctuating Meanings: “Passage Rites” in Ritual, Myth, Odyssey and the Greek Romance. *In: PADILLA M. W. Rites of passage in ancient Greece: literature, Religion, Society*. Ontario: Associated University Presses, 1999, p.221-46.

EISENSTADT, S. N. **De geração a geração**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ELIADE, M. **Tratado de historia de las religiones**. México: Era, 1979.

FINLEY, M. I. **El Mundo de Odiseo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.

GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre Sociologia e História das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 2000.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. Age Organization Terminology. **Man**, n.21, 1929.

SCHNAPP, A. A imagem dos jovens na cidade grega. *In: SCHMITT, J-C.; LEVI, G. (Org.) História dos jovens 1: da Antiguidade à Era Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.19-58.

VERNANT, J-P. **Mito e pensamento entre os gregos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VIDAL-NAQUET, P. **El mundo de Homero**. Fondo de Cultura Económica, 2006.

Notas

¹ Optamos pela terminologia *grau etário* seguindo o uso de S. N. Eisenstadt que, por sua vez, se apropriou da perspectiva clássica de A. R. Radcliffe-Brown, para quem o grau etário é “a divisão reconhecida da vida do indivíduo ao passar da infância à idade avançada” (RADCLIFFE-BROWN, 1929 *apud* EISENSTADT, 1976, p.2).

² O termo “adulto” é uma convenção, visto que esta aceção é estranha ao grego homérico. A marcação utilizada pelo poeta para sugerir a mudança de grau etário, no caso dos homens, é o surgimento da barba. Observamos, por exemplo, no verso 269 do canto XVIII da *Odisseia*, o uso do vocábulo **γενειήσαντα** (verbo **γενειάω**, “começar a ter barba”), comumente traduzido por “idade adulta” ou “idade viril”.

³ M. A. Bailly indica que, particularmente em Homero, o vocábulo **ἀγορά**, -**ᾶς** deve ser entendido como “assembleia do povo” (BAILLY, 1963, p.6), diferenciando-se, apesar da grafia, na maioria das vezes idêntica, das assembleias conhecidas pelas tradições posteriores. Observa-se, por exemplo, o uso tradicional de **ἐγγλησία**, -**ας**, que entrou em voga a partir das reformas de 594 a.C. empreendidas por Sólon e que se consolidou, graças à influência de Atenas, como o vocábulo que nomeava uma assembleia popular por excelência. Nesse sentido, o termo **ἀγορά** passou a designar antes um espaço no qual se desenvolvia a atividade política na **ἄστυ** à atividade política em si.

⁴ Na verdade, não há um consenso acerca do amadurecimento de Telêmaco. Para M. I. Finley, o filho doce e obediente de Odisseu tinha a perspectiva de se tornar herói quando crescesse, mas não foi descrito como tal pelo poeta (FINLEY, 1977, p. 36). Diferentemente do pesquisador inglês, Pierre Vidal-Naquet não parece duvidar da efetividade desta transição: “O único personagem que chega à idade adulta durante o tempo do relato é Telêmaco [...] Telêmaco tinha mais de vinte anos [...] precisamente a idade em que o jovem ateniense da época clássica se convertia em membro da assembleia” (VIDAL-NAQUET, 2006, p.74). A mesma leitura é feita por Ken Dowden, para quem os eventos que envolvem Telêmaco são vistos como ritos de passagem (DOWDEN, 1999, p.231).

⁵ Como é possível perceber em: HOMERO. **Odisseia** XVI, 373-375; HOMERO. **Odisseia** XVIII, 174-175; HOMERO. **Odisseia** XVIII, 215-220; HOMERO. **Odisseia** XVIII, 228-230.

⁶ É digna de nota a vasta discussão bibliográfica acerca da função religiosa da centralidade dos espaços. Recordamos, por exemplo, a perspectiva de Mircea Eliade sobre a importância assumida pela ideia de centro na criação do mundo comumente descrita nas cosmogonias antigas (ELIADE, 1979, p.334) e a de Jean-Pierre Vernant que, ao analisar Héstia, mostrou que a deusa não é apenas uma representação do *mégaron* quadrangular, a lareira micênica, mas a presunção da fixidez, da imutabilidade e da permanência amplamente associada ao espaço doméstico (VERNANT, 1990, p.191).